**CLASSES MULTIANOS PARA A EDUCAÇÃO NO CAMPO**

Wirlândia Oliveira de Nazareth Moura

Graduanda do curso de Pedagogia/PARFOR/CAMEAM/UERN, [lannawirlandia@gmail.com](mailto:lannawirlandia@gmail.com)

Maria Ireni de Mesquita

Graduanda do curso de Pedagogia/PARFOR/CAMEAM/UERN, gidagabriel@hotmail.com

Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Docente do curso de Pedagogia/DE/CAMEAM/UERN, malupsampaio@hotmail.com

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo refletir acerca do processo de ensino aprendizagem nas escolas do campo, denominada como Classe Multiano é vista como, uma organização de ensino completamente ultrapassado. A classe multiano surgiu por conta da necessidade de levar educação escolar aos alunos dos setores rurais, nascendo à ideia de crianças de diferentes séries e idades no mesmo ambiente com apenas um professor. Para entender esses espaços realizou-se pesquisa de campo e bibliográfica, para se entender as leis que apontassem o direito à educação nas escolas no campo (Lei 9.394/96 da LDB). Diante desse contexto, conclui-se que o ensino na escola do campo se apresenta de maneira fragmentada, deixando muito a desejar e tanto educando quanto educador se tornam vítimas dessa má estrutura que se encontra os ensinos multianos.

**Palavra-chave:** Classes multianos. Educação escolar. Setores rurais.

**Introdução**

As classes multianos no Brasil vêm se destacando há anos com seu nível de dificuldades para uma aprendizagem complexa. Estudar exige sacrifícios, exige a vontade de aprender e mesmo em meio a tantas dificuldades, a escola ainda é a esperança de muitos que almejam futuramente um sucesso no campo profissional. Na zona rural encontramos escolas aparentemente bem cuidadas, salas de aulas pequenas com o mínimo de conforto percebe-se que a alimentação servida baseia-se na mesma alimentação da escola urbana a qual se vincula. O que não se pode esquecer é que haverá nesses pequenos espaços a possibilidade de mudança e não apenas como um pequeno espaço esquecido do restante do mundo.

Para o presente estudo fizemos uma pesquisa em uma das escolas multianos e, para tanto, tivemos de ir a campo e ver de perto as formas de ensino no ambiente rural onde foi feita entrevistas e observações diretas com funcionários que ali trabalham, estas pesquisas de campo se deu no quinto (5º) período da disciplina sobre o Ensinar e o Aprender sobre a supervisão da professora Maria Lúcia Passos Sampaio. Este levantamento foi feito na Escola Municipal Antônia Maria de Andrade no sitio Mumbaça de Cima na cidade de Frutuoso Gomes/RN/Brasil, onde residimos, percebemos que as crianças do campo são muito receptivas e numa simples visita de uma pessoa diferente faz com que eles se sintam especiais.

As classes multianos nascem no contexto da educação do campo como uma solução para levar educação formal aos setores rurais que na maioria das vezes não há muita crianças para formação de uma turma seriada, e de acordo com os padrões do sistema é obrigatório haver uma quantia significativa de alunos para que se torne possível regulamentar a matricula de todos perante Lei 9.394/96 da LDB. No entanto, o que se pode perceber é que essa forma de ensino se torna complexa tanto para professor quanto para o aluno, ou seja, dificulta o processo de ensino aprendizagem, historicamente às classes multisseriadas tornaram-se uma estratégia para solucionar o acesso à escolarização de um número reduzido de crianças e jovens presentes no campo.

Essa é uma realidade bem presente no cotidiano da educação do campo, sendo esta apenas mais uma das dificuldades que passam professores e alunos da área rural, dificuldades estas vivenciadas que torna a educação do campo precária e em alguns casos o professor se subdivide, deixando a desejar no âmbito educacional, essa qualidade revela que nas escolas do campo o professor vive em total condição de abandono. Como um professor pode se desmembrar em vários ao mesmo tempo, fazer varias atividades, na qual vá suprir a necessidade do aprender de cada aluno? É bem complicado você não ter com quem contar e sozinha dentro de uma sala de aula dar de conta de vários alunos com necessidades diferentes de aprendizagem, sabendo que um já sabe ler, outro precisa de mais atenção por não saber e sofre a carência de não ter por perto o professora para ensina-lo mais que os demais, e observamos no depoimento do professor que na maioria das vezes os alunos se frustram abandonando os estudos pelo simples fato de que não vão aprender que não nasceram para ler e na maioria das vezes crescem com esse pensamento de que são incapazes de aprender o básico, que seria o conhecimento das letras do alfabeto.

**SISTEMAS DE ENSINO MULTIANO NO BRASIL**

Esse trabalho é baseado no contexto teórico empírico acerca das escolas rurais que apesar de ser vinculada a escola urbana, não fazem parte das festividades do calendário da mesma, as festividades são comemoradas individualmente, são separadas sempre por zonas, e as datas próximas sem coincidir uma com a outra, pois as coordenações tem que estar presentes nos dois eventos. Os planejamentos de aulas na zona rural ocorrem a cada bimestre, sendo que nas escolas urbanas é semanal, deixando assim o professor da zona rural sentir-se excluído e abandonado usando de um pensamento de que é ele e só ele como ajudante diário, a coordenação da escola na qual fizemos a pesquisa tem por coordenadora Antônia Maria de Oliveira Maia que vem observar o andamento da escola a cada 30 dias, fiscalizando como tudo esta funcionando, se os alunos estão aprendendo, que tipo de atividades estão sendo passadas a esses alunos, e se as atividades estão adequadas ao nível de aprendizagem deles, só depois deste levantamento que a coordenação faz um levantamento e articulam um plano de aula para o próximo semestre, muitas vezes esses planejamentos nem chegam a surtir efeitos no final pela forma de avaliação tradicional que os alunos apresentam em cada bimestre. Em meio a pesquisas bibliográficas encontramos autores que concordam e outros que discordam dessa metodologia de ensino no campo. Vamos confrontar a visão de alguns autores que expressam seus conhecimentos, enquanto ensino multiano e assim podemos fazer uma reflexão baseada nesses contextos.

Existe toda uma organização do sistema de ensino para as classes multianos, algo que vai bem além da necessidade educacional, que traz como resultado uma escola voltada para a realidade da separação de classes sociais assim nos afirma Rosa (2008, p. 228), que:

[...] a classe multisseriada é organizada, na maioria das vezes, pelo número reduzido de alunos para cada série, o que a caracteriza como mais do que uma simples classe. Ela representa um tipo de escola que é oferecida a determinada população e remete diretamente a uma reflexão sobre a concepção de educação com que se pretende trabalhar.

As classes multianos na fala de Rosa nos informa que as turmas não se formam com o baixo índice de alunos para compor uma única turma e assim juntam todos os educandos com saberes diferenciado em um mesmo ambiente de ensino para que juntos possam compor uma sala de aula, mesmo que os níveis escolares sejam diferenciados uns dos outros e tamanho de altura entre eles.

Ferri (1994, p. 67) em meio a uma pesquisa em escolas rurais destacou que nas classes multisseriadas o professor sofre algumas limitações. O autor nos afirma que essas limitações já começam do local onde as crianças vivem e o isolamento do próprio ambiente de ensino há dificuldades de atendimento individual por alunos, existem dificuldades do acesso ao material didático e a bibliotecas, levando também em conta que atender em um único espaço quatro turmas diferenciadas ao mesmo tempo dar muito trabalho e mão de obra para esse educador.

Para Hage (2005), “O ensino multisseriado ainda é tratado como uma anomalia na educação, algo que já deveria ter sido extinto, para ceder lugar para as classes seriadas que segue o modelo educacional urbano”.

Para Hage (2005) essas classes multianos podem contribuir para a permanência dos sujeitos no campo por lhes oferecer uma escolarização no lugar em que vive na sua visão o sujeito do campo deveria sim migrar para a zona urbana e se familiarizar em meio a ela e assim fazer parte do ensino onde cada classe seriada é dividida em grupos assim como é mostrado no modelo de escola urbana.

Gauthier já discorda de que as salas multianos sejam extinta e nos afirma que dentro da sala de aula os alunos formam uma espécie de microssociedade, aonde cada aluno vai se ajustando para a realidade do outro. Aos poucos, vão trocando informações, conhecimentos, experiências, eles vão aprendendo uns com os outros, de uma forma espontânea, essa familiarização nesse contexto escolar fará com que os alunos aprendam o verdadeiro sentindo do ensino-aprendizagem. Assim:

[...] a sala de aula é uma “microssociedade onde cada um ajusta as suas crenças e os seus comportamentos em função do outro […] e os alunos não somente aprendem uns com os outros, mas sua relação com o saber será em parte determinada pela dinâmica da classe” Gauthier (2001, p. 65).

Molinari (2009) afirma que todos tendem a aprender em turmas que reúnem alunos de diversas idades e níveis de conhecimento totalmente diferentes. Em entrevista a revista Nova Escola afirma que:

[...] apesar de a diversidade estar presente em qualquer grupo, na escola rural ela chama muito mais a atenção por concentrar no mesmo espaço – e ao mesmo tempo – crianças de idades muito díspares, da Educação Infantil aos últimos anos do Ensino Fundamental. E, geralmente, o professor não tem um auxiliar trabalhando com ele. A responsabilização da multisseriação pelo fracasso escolar nessas turmas sempre aparece no discurso dos professores. Eles veem nisso um problema que prejudica principalmente o ensino dos menores – os que demandam mais atenção –, mas que também dificulta o dos maiores, que acabam não tendo tarefas ou atividades específicas que os ajudem a progredir.

Molinari (2009) reforça que as dificuldades se encontram na organização do tempo escolar.

O maior problema é organizar o tempo didático. Quando se deparam com crianças de várias séries ou ciclos, com diferentes necessidades de aprendizagem, dividindo o mesmo espaço e a atenção deles, os docentes pensam que a solução é fazer planejamentos distintos para cada grupo. Porém essa nunca foi uma estratégia eficiente, pois o professor, durante a aula, precisa correr de um lado para o outro tentando atender a todos e, obviamente, ele não dá conta de acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos. Se tiver de optar por dar mais atenção a um determinado grupo, certamente se dedicará aos que estão em fase de alfabetização, deixando os outros com atividades fáceis de executar para o nível deles – não demandando a intervenção docente –, o que não lhes propicia a construção de conhecimento.

Molinari (2009) afirma quededicar tempos iguais para os alunos de diferentes séries não seria uma solução adequada, isso por que:

[...] alguns professores acham que estão sendo justos quando reservam, por exemplo, meia hora ou outra fração qualquer de tempo para cada agrupamento. Porém nem assim eles conseguem dar um bom atendimento, já que cada um pede um tipo de intervenção. Outros ainda têm a iniciativa de propor tarefas coletivas. Sem dúvida, essa é uma maneira mais interessante do que desenvolver atividades separadas, mas também fica mais fácil cair na armadilha de achar que todos estão envolvidos, quando, na verdade, a mesma proposta pode ser adequada para uns, muito fácil para alguns e difícil demais para outros. Com isso, os alunos deixam de enfrentar situações específicas que estejam de acordo com seus saberes e com os desafios que precisam enfrentar para progredir.

Mediante a todos os posicionamentos em destaque desses autores percebemos que a um impasse entre eles, pois alguns concordam com esse tipo de ensino e outros discordam argumentando alguns erros de espaço, localização e tempo, diante do ponto de vista de cada um, realmente ensinar multisseriado requer agilidade, colaboração, união, companheirismo da parte dos gestores, um acompanhamento mais profundo mediante espaço e tempo. Isso porque na zona rural o tempo de ensino é reduzido então se torna menor o tempo de aprendizagem e por tanto teria de haver melhor aproveitamento na forma de ensino, isso seria rever conceitos.

Já olhando pelo ponto de vista de ambientes onde todos estariam dividindo um mesmo espaço e também dividindo seus saberes, o professor poderia utilizar a seu favor os de maior domínio de saberes para juntamente com ele mediar os menores. Antigamente os professores começavam suas habilidades de ensino assim, o professor coordenava os mais adiantados a ensinar aos menos adiantados e assim os mediadores passavam a adquirir práticas de ensino. Este foi um relato de uma professora aposentada que ensinou o Mobral Dona Sebastiana Dantas de Medeiros que utilizava desta técnica e fizeram muitas meninas se tornarem professoras assim dentro das salas hoje conhecidas como multianos.

**A DIVERSIDADE DENTRO DAS DIRETRIZES NO ENSINO DO CAMPO.**

As diretrizes provêm da CEB está enriquecido pela Lei nº 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que, em seu art. 53, inciso V, ao tratar especificamente do direito e proteção a crianças e adolescentes, estabelece que o acesso à escola pública e gratuita será efetivado em unidade escolar próxima de sua residência. O art. 58 do mesmo Estatuto dispõe que no processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garante-se a esta liberdade de criação e o acesso à fonte de cultura.

No que diz respeito ao direito à educação obrigatória a ser oferecida às populações rurais, a Câmara de Educação Básica manifesto pela Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002, que, ao tratar das Diretrizes Operacionais da Educação nas Escolas do Campo refere-se à construção de uma política específica e a necessidade de atender à diversidade das populações que residem no meio rural, de acordo com suas realidades, usando uma expressão muito feliz: essa diversidade deve “ancorar-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros”.

Esta lei assegura que as escolas do campo funcionem e amparem as crianças, ao se matricularem por não ser um local com muitos moradores, pois com as condições do tempo muitos migraram para a zona urbana, não tem alunos suficientes para compor uma sala de aula para cada nível escolar, por este motivo englobam em um único espaço diversos tipos de alunos com diversos níveis de escolarização, e desta forma compõem as salas multisseriadas em cada espaço de diversos pontos de zona rurais espalhados ao redor de cada município. As mesmas diretrizes dá ênfase, sobre a responsabilidade do poder público, dentro dos princípios do regime de colaboração, em proporcionar a Educação Infantil e o Ensino Fundamental nas comunidades rurais.

A solicitação da SECAD/MEC para que a CEB regulamente a oferta de educação apropriada ao atendimento das populações do campo nos afirma, em um documento de encaminhamento a que temos nos referido, de forma direta e enfática:

[…] as populações do campo continuam enfrentando os mesmos problemas há décadas como fechamento de escolas, transporte para os centros urbanos e outros, fazendo com que muitos alunos hoje permaneçam mais tempo dentro do transporte escolar do que propriamente dentro da sala de aula.

A maioria das escolas rurais foi fechada aqui no Rio Grande do Norte assim como na maioria do Brasil, mas o nosso foco esta voltada às escolas rurais especificamente do município de Frutuoso Gomes no RN. Devido os ônibus escolares pegar as crianças nas zonas rurais e transportá-los até as escolas da zona urbana ouve um fechamento de escolas na zona rural bastante significativo e devido a este ocorrido as poucas escolas que permaneceram funcionais ficaram com as crianças menores onde suas mães as proibiam de fazer esse transporte, pois acham perigosas as estradas que apesar de ter um transporte de qualidade o risco ainda é eminente por conta da precariedade das estradas que ainda são de barro.

Os moradores contam que antigamente os transportes eram feitos em “paus de arara” arriscando as vidas das crianças ao subir em um “lastro” de uma caminhoneta. Por essas mesmas estradas existentes até hoje, mesmo com o governo abastecendo os municípios com ônibus e assim o risco tornando-se menor, mas alguns destes moradores da zona rural continuam achando ariscado esse transporte, apesar de que o sonho de toda criança da zona rural é andar de ônibus e poder chegar à cidade e estudar em uma escola maior com pessoas nas quais eles ainda não viram ter professores nas quais eles não conheçam, se bem de que muitos professores da zona urbana se locomovem para a comunidade rural no intuito de fazer a diferença na vida destes pequeninos.

Minha colega de trabalho que esta me ajudando nesse artigo chama-se Maria Ireni de Mesquita ela mora na zona urbana e se desloca para a zona rural, para ensinar em uma classe multiano na zona rural pertencente ao município de Frutuoso Gomes/RN, assim como eu que também já lecionei por três anos em uma escola da zona rural pertencente ao mesmo município só que em localidade diferente.

As classes multianos ensinam o nível infantil onde a sala comporta crianças desde o pré- escolar até o quinto ano dentro de um mesmo espaço, ela tem uma ajudante chamada Erineide Marinho da Silva Dantas na qual fica com os menores do pré-escolar, auxiliando enquanto Ireni fica com os demais das outras series, sua forma de trabalho é levar todas as atividade individual de cada um incluindo da pré-escola, mais em seu depoimento nos revela sua angústia de lutar tanto para obter tão pouco resultado no fim do ano, que por mais que tenha uma auxiliar em sala de aula ela sente que seu objeto não é alcançado no fim do ano pela carência ocorrente dos alunos não ter tantos recursos e das aulas não serem administradas como deveria que fosse divido a ferramentas que a maioria dos professores da zona urbana tem em mãos para dar uma aula um pouco mais produtiva e dinâmica, enquanto que na zona rural fora o wi-fi não existe mais outro tipo de tecnologia.

Vimos que as leis de Diretrizes nos deixa claro que esses professores que trabalham nessas escolas têm de ser amparados numa Lei na qual não esta funcionando. A se começar pelo procedimento de organização para o atendimento das populações do campo sabendo que a região Nordeste, as escolas multianos são de pequeno porte como já se mostrou anteriormente continua com um número muito expressivo de alunos agravando o modelo e suas variações ocorrendo o risco de fechar por falta de estudantes, o que caracteriza essas escolas das comunidades rurais é uma adoção da mesma organização e o mesmo funcionamento das demais escolas urbanas do município em termos de calendário escolar, currículo, estrutura física, equipamentos.

O fato é que as escolas das zonas rurais foram afastadas das atividades escolares alegando vários argumentos como:

• baixa densidade populacional determinando a sala multiano e a unidocência;

• facilitação da coordenação pedagógica;

• racionalização da gestão e dos serviços escolares;

• melhoria da qualidade da aprendizagem, etc.

A estrutura física das escolas rurais do município de Frutuoso Gomes é organizada, escolas bem cuidadas, carteiras de acordo com a idade do aluno definida por cores, dois tipos de quadros um com giz e o outro é quadro branco para caneta, um pouco gastos já, mas funcional, ventiladores de parede, iluminação, um pequeno espaço para recreação, cozinha pequena mais com todos os equipamentos para fazer a merenda das crianças, realmente para uma comunidade rural a escola estava em um bom estado, agora enquanto equipamentos deixaram a desejar bastante, pois lá não existe nada além de um wi-fi.

A Lei, como era de se esperar, não escapou a responsabilidade do poder público com o atendimento escolar do campo. Seu financiamento foi assegurado no Título dedicado à família, à educação e à cultura, conforme o seguinte dispositivo:

Art. 156. A União, os Estados e os Municípios aplicarão nunca menos de dez por cento e o Distrito Federal nunca menos de vinte por cento da renda resultante dos impostos, na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos. Parágrafo único. Para realização do ensino nas zonas rurais, a União reservará, no mínimo, vinte por cento das cotas destinadas à educação no respectivo orçamento anual.

No nosso ponto de vista mediante o escrito na constituição citado a cima pode ser interpretada como um esforço nacional de expansão do ensino, estabelecendo uma harmonia às práticas resultantes do desejo de um aumento e de um controle das elites a qualquer custo, em um país que tinha, no campo, a parcela mais numerosa de sua população e a base da sua economia e hoje se deparam com uma porcentagem bastante pequena de moradores e por sua vez de alunos, fica claro uma estratégia para manter sob controle as tensões e conflitos decorrentes de um modelo de sociedade que reproduzia práticas sociais de abuso de poder.

**Considerações finais**

A partir dos aspectos observados é possível compreender a importância que a Educação do Campo tem, uma vez que a escola possui um importante papel estruturador, sendo o principal agente articulador da história onde está inserida, pois a escola do campo possui um papel fundamental neste processo através da finalidade de projetos que conscientizem a população rural e ao mesmo tempo apresentem alternativas aos padrões produtivos convencionais, porque não se pode usar outro meio de ensino se não o tradicional.

Logo, ela também atua como uma das principais formas de manter os estudantes rurais no campo, promovendo a reprodução social desses sujeitos, cada dia o campo vai sendo devastado pelo abandono as pessoas deixam suas casas e vão a buscar melhorias para suas famílias e trocam a vida rural pela urbana em busca de maiores confortos que ela proporciona, mas tudo tem seu preço essas melhorias custam caro e eles na maioria das vezes dividem-se entre as duas zonas, pois suas raízes permanecem onde nasceram e se criaram.

Uma educação inserida nas escolas do campo deveria ser voltada para essa realidade. A realidade de seus filhos e netos, a realidade do campo, não se pode inserir um contexto urbanizacional se na sociedade rural suas vidas são totalmente diferentes, seus costumes e suas crenças na realidade tudo tem de estar voltado ao meio em que vivem e convivem.

Convenhamos que historicamente, o conceito da educação no meio rural sempre esteve vinculado a um modelo de educação atrasada, com grande falta de recursos e de baixa qualidade, mas com o passar dos anos tudo foi tomando uma nova cara e as escolas passaram a ter uma nova personalidade no meio rural chamando atenção dos que ali ainda vivem e assim muitos apostam num ensino de qualidade para seus filhos. No entanto falta-se muito para caminhar, mais os professores também da zona rural já estão em meio a uma formação e com isso trarão novos recursos de ensino para fazer cair por terra esse preconceito de que escolas rurais não ensinam nada.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. In: KOLLING, Edgar J.; CERIOLI, Paulo R.; CALDART, Roseli S. (Org.). Educação do campo: identidade e políticas públicas. Brasília: RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 1, 3 de abril de 2002. (Coleção por uma educação do campo, nº 4).

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB n° 36/2001. Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo. Brasília: MEC/CNE, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Referências para uma política nacional de educação do campo. Caderno de Subsídios. Brasília: Inep/MEC, 2004.

FERRI, Cássia. Classes multisseriadas: que espaço escolar é esse? Florianópolis: UFSC, 1994. Dissertação de mestrado.

GAUTHIER, C. Triângulo didático-pedagógico: o triângulo que pode ser visto como quadrado. Revista Educação nas Ciências. Ijuí: Unijuí, jan.-jul., 2001INSTITUTO Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Vários censos.

HAGE, Salomão Mufarrej. Classes multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará/Região Amazônica. In: \_\_\_\_\_\_. (Org.). Educação do Campo na Amazônia: Retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg, 2005.

MOLINARE, Claudia. Entrevista concedida a Paola Gentile, de Buenos Aires, Argentina. Revista Nova Escola. 01 jan. 2009.

ROSA, Ana Cristina Silva. Educação de Jovens e Adultos: o desafio das classes multisseriadas. São Paulo: Umesp, 2003. Dissertação de mestrado.